



NaTuraleza

(Veopora*)

**PALIN
DROMIA**

CENTENÁRIO
OSMAN LINS
1924-2024

Este livro foi impresso e costurado manualmente.
Diagramação do miolo com tipografia Century e
impressão digital no papel offset 75gramas,
capa analógica no papel colorplus 180gr em
impressão tipográfica composta com clichês e
tipos móveis Reforma Grotasca e Vitória.
Atividade realizada no Quase Festival
Literário de Itajaí na primavera de 2024, pelo
projeto Palíndromia - oficina de escrita e edição
artesanal do Instituto Caracol. Projeto aprovado
no Edital D+ áreas Lei Paulo Gustavo da
Fundação Catarinense de Cultura.

Oficina de escrita:
Cristiano Moreira

Oficina de encadernação:
Patrícia F. da Costa Moreira

Diagramação e oficina de impressão:
Jakson D. Chiappa

Textos, impressão e encadernação manual:
Gloria Luna e Lucas Ferret Perboni

Veopoa. Porém o que mais incomoda o
curandeiro não são suas asas e nem mesmo
seus olhos, mas o que se reflete da luz dos olhos
presente nas asas, é o seu rosto. Igual ao de
Veopoa. Em meio à Veopoa vive Veopoa, grande
Veopoa e Veopoa Veopoa. Todos os dias Veopoa
acorda antes que o gentil Veopoa do Veopoa
toque sua Veopoa e deita-se em sua Veopoa com
uma Veopoa de Veopoa, esperando por duas
Veopoas o nascer do Veopoa enquanto escuta as
Veopoas da Veopoa.

produção



realização

Lei Paulo
Gustavo
SC D+



Fundação
Catarinense
de Cultura



MINISTÉRIO DA
CULTURA



lembrar de Veopoa? Tarop retorna à sua cabana, caminhando de forma habitual até duas horas antes do cantar da doce melodia da lua, deitando-se novamente em sua rede com uma folha de fumo, enquanto espera as suaves graças da noite escuta as últimas notas da sinfonia natural. Ao cair da noite Tarop cai ao sono e vê-se em seus sonhos diante de algo inimaginável, uma criatura de mil asas transparentes que refletem a luz de seus grandes olhos compostos por uma miríade de segmentos conectados a seu corpo infinito e repleto de patas. A criatura colossal o deixa assustado por sua magnitude, não é necessário perguntar qualquer coisa a este ser, trata-se de

**PALIN
DROMIA**

CENTENÁRIO
OSMAN LINS
1924-2024

ser mais do que uma vaga pergunta. Durante a meditação de Tarop um zunido veloz se aproxima, o guerreiro abre seus olhos e de espanto também sua boca. Prontamente uma libélula adentra o orifício e se aloja na garganta do homem, o inseto insiste em mergulhar diretamente na direção das suas vísceras, liberando uma substância viscosa enquanto Tarop tenta lutar por sua vida. Por conta da futilidade das tentativas de evitar a autoinserção do animal em seu intestino, a libélula adentra o ermitão e este volta a poder respirar em alívio. Seria este artrópode vicioso o significado de Veopoa? Isso já havia acontecido antes? Por que não é possível se

destino é não possuir um, em seu trafegar o zumbido dos insetos lhe acompanha. O curandeiro à meia passagem do dia encontra uma pedra em seu caminho, é um notável pedregulho branco e largo no qual o ermitão senta-se. No momento em que se apoia sobre a pedra uma memória retorna à sua mente, uma palavra apenas, Veopoa. Contudo Tarop não sabe o que é Veopoa, não consegue recordar apesar de que lhe parece algo tão familiar e palpável, é como se fosse algo que sempre esteve presente, Veopoa. Ele pondera por sua meditação, viajando a cada extremidade de sua consciência à busca de Veopoa, mas Veopoa por mais que agora sua mente povoa, não permite

Gloria Luna

TARASO

Em meio à selva vive Tarop, grande guerreiro e curandeiro ermitão. Todos os dias Tarop acorda antes que o gentil raiar do sol toque sua cabana e deita-se em sua rede com uma folha de fumo, esperando por duas horas o nascer do dia enquanto escuta as canções da mata. Quando a luz o alcança, levanta-se e vai até as bromélias que circundam o local próximo para coletar todo o orvalho que em elas se acumula, a água abençoada pelo néctar das flores e a essência da natureza é tudo que precisa para manter o seu corpo, qualquer outra coisa que consome é uma adição bem quista, mas desnecessária. Durante as próximas horas de seu dia Tarop caminha através da relva sem um destino pois seu

La naturaleza, animales, ríos, mares, están
tarasos, por culpa del ser humano.

¿Qué puedo hacer? mi mente, mi conciencia
también está tarasada?

Hay que despertar, replantear, enderezar este
caos tarasado, buscar los medios para que el
equilibrio se establezca, los animales logren
vivir tranquilamente en su hábitat natural, las
plantas renazcan, reverdezcan, los ríos y mares
fluyan con aguas limpias y renovadas.

Es una tarea colectiva, un deber de cada
habitante de la tierra, aportar no solo un grano
de arena sino nuestro potencial, cuidar nuestro
mundo, no dejarlo morir, inyectarle optimismo,
positividad, resolver, actuar, valorar.

Lucas Ferret Perboni

VEOPOA